

Gênero e os Modos de Existência: aproximações possíveis¹

Paula VIEGAS²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Através de uma abordagem exploratória e teórica, este artigo tem como objetivo aproximar os Modos de Existência desenvolvido por Bruno Latour – e teorias correlatas – com os estudos feministas de Linda Nicholson, Judith Butler e Donna Haraway. Esta articulação é um primeiro passo para pensar o gênero na comunicação, especialmente em mídias digitais, além dos binarismos de gênero e das dicotomias entre corpo e mente, natural e cultural, online e off-line. Através dos quinze modos de existência e das cinco perguntas canônicas foi possível apontar possíveis estratégias metodológicas para analisar fenômenos que relacionem questões de gênero com mídias digitais.

PALAVRAS-CHAVE: modos de existência; gênero; comunicação.

Na comunicação sobre gênero, é comum apresentarem binarismos como homem/mulher ou opor as questões naturais de questões culturais. Durante muitos anos, apenas as funções biológicas do sexo foram levadas em consideração na pesquisa. No último século, pôde-se observar um movimento que valorizava as construções sociais em detrimento do determinismo biológico. Entretanto, essa corrente parece ter esquecido dos atravessamentos dos corpos sexuados e suas materialidades.

Se por um lado as categorizações dicotômicas parecem importantes para uma luta política, devida a facilidade de apreensão, por outro, a artificialidade dessas limitações desfavorecem o aprofundamento no debate. Nesse ponto, parece relevante analisar não apenas as semelhanças e diferenças, mas também as narrativas históricas, as normas reguladoras, os comportamentos sociais, as inscrições nos corpos, os atores não humanos, etc.

Para tanto, este estudo parte de uma tentativa de aproximação dos Modos de Existência, de Bruno Latour, com questões de gênero lançadas pelas teóricas feministas

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

² Doutoranda do Curso de Comunicação e Informação do PPGCOM/UFRGS, e-mail: paula.viegas@ufrgs.br

Linda Nicholson, Judith Butler e Donna Haraway. Apesar de suas divergências, essas autoras parecem possibilitar um diálogo com Latour ao criticar a supervalorização da linguagem e o raciocínio dicotômico em áreas empíricas. O objetivo dessa aproximação é desenvolver uma articulação teórica que possibilite uma análise menos dicotômica das questões de gênero na comunicação mediada por computador.

Nesse sentido, como podemos aproximar os Modos de Existência das questões de gênero? Como suavizar os binarismos de gênero, corpo/mente, natural/cultural? E pensando na comunicação em mídia digital, como ir além do online/offline e da linguagem como elemento central, considerando que só temos acesso a uma conversação mediada por computador? Estas são algumas questões que mobilizam essa investigação teórica, para servir como base para uma futura aplicação metodológica.

1 Contextualizando os Modos de Existência

Os Modos de Existência (LATOURE, 2013a) são apresentados como uma forma de conciliação entre a antropologia e a filosofia. Latour (2012a) aponta que as áreas empíricas pecam ao ter que respeitar uma ontologia específica e narra a caótica aparição dos seus argumentos: “não conheço nenhum outro autor que tenha seguido de forma tão obstinada um mesmo projeto de pesquisa, dia após dia, durante vinte e cinco anos, preenchendo o mesmo questionário e respondendo às mesmas perguntas” (LATOURE, 2012a, p. 4). Mas onde se localiza essa teoria? Seria uma virada especulativa (BRYANT; SRNICEK; HARMAN, 2011), uma virada metafísica (MANIGLIER, 2014), uma virada ontológica (SÁ JÚNIOR, 2014)?

Bryant, Srnicek e Harman (2011) localizam Latour - em especial sua teoria Ator-Rede (LATOURE, 2012b) - em uma “virada especulativa”, que representa um retorno “às coisas mesmas” através de uma ontologia materialista. Esse posicionamento busca um caminho alternativo à existência das coisas exclusivamente pela linguagem, não negando a mesma, apenas reconhecendo seus limites. Dentro dessa discussão, Bryant, Srnicek e Harman (2011) percebem quatro debates que se destacam: política/ética, temporalidade, subjetividade/consciência e ciência/verdade.

Os autores reconhecem que esta é uma trajetória teórica em desenvolvimento e que “embora seja difícil encontrar um único nome adequado para cobrir todas essas tendências, propomos ‘a virada especulativa’, como um contraponto deliberado à agora cansativa ‘virada linguística’” (BRYANT; SRNICEK; HARMAN, 2011, p. 1). Nesse

posicionamento, o “materialismo” e o “realismo” esclarecem a natureza do que eles propõe, mas ainda preservam, o que eles chamam, de uma possível distinção entre o material e o real.

Já a “virada metafísica”, segundo Maniglier (2014), trata-se de uma redefinição da própria metafísica, que não deve buscar a verdade sobre Ser, mas a partir de um tipo totalmente singular de “diplomacia”, que reconhece o devido peso das instituições na nossa sociedade - um peso menor do que vem sendo mostrado. Além disso, há uma espécie de “multinaturalismo”, como Viveiros de Castro chamou, que coloca de um lado uma “natureza”, que apenas as ciências (ocidentais) têm acesso, e de outro uma pluralidade de “culturas”, que funcionam através de representações, símbolos ou construções sociais.

Essa relação assimétrica é reconhecida por Latour, ou apontar que “os brancos antropologizam os negros [...] mas eles mesmos não se deixam antropologizar. Ou então eles o fazem de modo falsamente distante, “exótico”, prendendo-se aos aspectos mais arcaicos de suas próprias sociedades” (LATOURE, 2012a, p. 8). Nesse sentido, a “virada metafísica” permitiria “substituir uma teoria da *correspondência* entre um sujeito e um objeto por uma teoria da *transformação-tradução* de uma inscrição em outra” (MANIGLIER, 2014, p. 38). Essa perspectiva simétrica permite compreender a existência relacional de cada ator participante do processo - seja humano ou não-humano, grande ou pequeno -, considerando que todos igualmente existem em um único plano.

Sá Júnior (2014) articula Descola, Latour e Viveiros de Castro para apresentar um conjunto de teorias antropológicas, em vias de produção, que representa um movimento filosófico chamado de “virada ontológica”. Citando Latour, o autor aponta que “no caso dos Modernos, teria prevalecido sua crença na própria modernidade (uma ‘modernidade em-si’), refletida por sua inclinação universalista” (SÁ JÚNIOR, 2014, p. 10). Nesse sentido, desconfortável com o correlacionismo antropocêntrico, essa virada ontológica nasceu, propondo um novo tipo de auto-organização dos Modernos e trazendo uma perspectiva mais dinâmica e simétrica dos coletivos.

Se baseando na antropologia de Lévi-Strauss, Viveiros de Castro (2002) – pesquisador citado por Latour em alguns textos – dá luz a dinâmica dos corpos e dos fluxos materiais. Ele utiliza a ideia de Latour em relação a confrontação simétrica do que está jogo na investigação. Também aborda a questão do dualismo, defendendo que este não se encontra, necessariamente, no estruturalismo, como afirmam os antropólogos pós-

estruturalistas. Segundo o autor, os esquemas dicotômicos funcionam como muralhas na nossa cidadela intelectual.

Viveiros de Castro defende uma metafísica contemporânea que engloba a filosofia da natureza que os antropólogos se afastaram, em que todas as questões ontológicas foram convertidas em questões epistemológicas. Essa epistemologização da ontologia ignora muitas vezes que o ser é insubordinável às leis e que há um real que não necessariamente perpassa pelas categorias sociais. O autor critica o construtivismo, que parece falar de seres sem um mundo, mas apresenta, por outro lado, uma lógica niilista, que fala de um mundo sem os humanos. Escapando desse dualismo, Gilbert Simondon permite conciliar a ideia da precedência das relações, do ser como uma relação, e a ideia da exterioridade das relações, a partir da perspectiva metafísica.

O termo “modos de existência” nem sempre foi explorado na antropologia, apesar da publicação do livro de Simondon em 1950 - *Do Modo de Existência dos Objetos Técnicos*. O termo, entretanto, foi primeiramente utilizado por Étienne Souriau em um livro pouco conhecido - *Os Diferentes Modos de Existência* - publicado em 1943. Seguindo seu projeto, Latour parte de uma corrente radical, para pensar uma antropologia dos Modernos, salientando a importância de uma crítica constante e dinâmica dos seus próprios estudos e evidenciando seu caráter filosófico

Ao trazer à público seu projeto sobre os Modos de Existência, Latour (2013a) se propõe a dialogar com seus leitores e rever suas próprias concepções através da interatividade. No site do projeto é possível observar uma descrição da proposta:

Estamos dando aos dois termos ‘modo’ e ‘existência’ significados mais fortes que não direcionam a atenção para grupos ou indivíduos humanos, mas uma direção para os seres interrogarem a si mesmos. A palavra ‘ser’ não deve ser inquietante: é outra maneira de responder à pergunta: ‘O que, por exemplo, é a lei, a religião ou a ciência?’ E ‘como posso falar sobre isso corretamente com você?’.

A partir da identificação de quinze Modos de Existência, Latour questiona seus leitores se esses valores correspondem, ou não, às suas experiências. Após essa investigação, se buscaria, então, propor uma alternativa ao termo bastante vago “modernização”.

Através dessa “inusitada forma de antropologia filosófica” (LATOURE, 2012a, p.4), os Modos de Existência repensam o papel dos não humanos nas áreas empíricas, valorizando o papel atuante do “objeto” a ser analisado. Esse posicionamento vem desde a teoria Ator-Rede e se atualiza através dos Modos de Existência, visto que “o caminho

das inscrições ignorava ao mesmo tempo o sujeito conhecedor e o objeto conhecido; o modo de existência do conhecimento científico parecia merecer um habitat melhor do que o *no man's land* entre as palavras e as coisas” (LATOURE, 2012a, p. 12). Segundo Latour, o pesquisado conhece mais do pesquisador do que o contrário.

Nesse sentido, Latour propõe que se observe, inicialmente, as redes sociotécnicas em vias de expansão, mas que se vá além disso. Ele critica a necessidade moderna de não confundir um domínio institucional com o outro, como o Direito, Ciência, Política, Religião e a Economia, apesar de serem instâncias inter-relacionadas. Assim, nas redes, não há um caminho exato de onde começar, pois é através da investigação empírica que esses elementos devem ser redistribuídos.

Em Modos de Existência, Latour “retoma a exaustão e ineficácia da noção de representação social ou mental – noção que cada vez mais interdita a compreensão das composições múltiplas de mundos e sobretudo as articulações e passagens entre elas” (DIAS; SZTUTMAN; MARRAS, 2014). Ele tenta superar o divórcio entre antropologia e filosofia, estabelecendo um fundo de negociação para articular conflitos e compromissos entre valores políticos.

As questões de gênero podem ser compreendidas através dessa perspectiva, como uma dissonância política que vai muito além do peso institucional desses termos. Além disso, os Modos de Existência permitem trazer luz às materialidades dos corpos sexuais e da atuação de não-humanos no processo.

2 Questões de gênero além do dualismo natural/cultural

A discussão sobre cultura em oposição ao natural não é nova nas questões de gênero. Há muitos anos, feministas e acadêmicas tem abordado essa dicotomia, principalmente através da crítica ao determinismo biológico. O que muitas vezes é tido como natural na mulher - feminilidade, doçura, delicadeza, aptidão aos trabalhos domésticos e ao núcleo privado - é, atualmente, fortemente denunciado como construção social.

Entretanto, compreender como apenas cultural essas diferenças, pode apagar as materialidades dos corpos em jogo. Ou seja, as construções sociais, culturais e históricas tem papel fundamental no que hoje tomamos por gênero. Mas também existem potências fora do discurso que desigualam e hierarquizam os gêneros. O desafio dessa reflexão é,

dessa forma, articular o natural e o cultural, valorizando as materialidades e os seres não-humanos.

Ao se referir do naturalizado em Changeux, do sociologizado em Bourdieu e do desconstruído em Derrida, Latour ironiza a falta de aproximação entre as ciências, as técnicas e as sociedades. Com tom irônico, ele aponta que “nossa vida intelectual continua reconhecível contanto que os epistemólogos, os nossos sociólogos e os desconstrutivistas sejam mantidos a uma distância conveniente, alimentando suas críticas com as fraquezas das outras duas abordagens” (LATOURE, 2013b, p. 11).

O autor critica a assimetria entre natureza e cultura, considerando a fraqueza do construtivismo e do essencialismo. Ele acredita que se a natureza é tratada com tanto distanciamento pelos estudos sociais, não considerando que ela é feita para e pelos seres humanos, ela sempre será uma estrangeira longínqua e hostil. Entretanto, em entrevista concedida à Revista Cult em 2010, sobre o livro *Jamais Fomos Modernos* (LATOURE, 2013a), o autor aponta que “a tese desse livro não faz muito sentido ao se falar no Brasil, porque os brasileiros nunca foram modernos. Foram sempre, de uma certa forma, pós-modernos”. Apesar disso, a discussão entre natural e cultural parece relevante em contextos brasileiros.

Segundo Sztutman (2009), o dualismo que se estabeleceu entre a natureza e a cultura não foi uma separação, mas uma proliferação dos híbridos que ocorreu justamente na tentativa de mantê-los escondidos. E a insuficiência desse dualismo também significa a “insuficiência de nossos modos de representação e, sobretudo, de nossos aparatos conceituais” (SZTUTMAN, 2009, p. 3). Nesse sentido, reconhecer a crise da ontologia naturalista não significa voltar aos estudos de gênero focados nas diferenças biológicas dos sexos, mas no reconhecimento que a natureza não é algo inato ou exterior à ação humana.

Em sua atualização sobre os modernos, Latour (2013a) aponta que “os Modernos nunca foram modernos, mas eles acreditavam que eram modernos, e essa crença também é crucial, pois os fez agir de mil maneiras contraditórias que devemos aprender a resolver” (p. 14). Nesse ponto, é possível iniciar uma aproximação com Nicholson (2000), que aponta que a diferenciação sexual feita de forma binária pelas feministas foi útil, porém como este tipo de pensamento não é estático e não capta os desvios das normas de gênero, empregá-lo reforça determinadas lógicas que reforçam a desigualdade.

Segundo Nicholson (2000), no final dos anos 60, a noção dominante de gênero era atrelado aos fatos da biologia. Diversas críticas foram lançadas à essa concepção, o que foi relevante no processo. Entretanto, alguns posicionamentos pareciam reforçar ainda mais a concepção do gênero com algo natural, visto que “no momento mesmo em que a influência do biológico está sendo minada, está sendo também invocada” (p. 11). A autora aponta que compreender essas diferenças apenas como sociais se assemelha ao determinismo biológico, pois não se pode descolar do corpo essas diferenças, ou, pelo menos, dificilmente se consegue esquecer totalmente as origens biológicas.

Nicholson aponta que o construcionismo foi usado como modo de evitar qualquer problema associado ao determinismo biológico, mas acabou produzindo generalizações equivocadas. Assim, o feminismo da diferença está igualmente comprometido por quebras e fissuras. Nesse sentido, não devemos parar de procurar padrões, mas entender a historicidade dos mesmos, procurando o lugar onde esses padrões falham.

Assim, sugiro pensarmos o sentido de "mulher" como capaz de ilustrar o mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam. Nesse mapa o corpo não desaparece; ele se toma uma variável historicamente específica cujo sentido e importância são reconhecidos como potencialmente diferentes em contextos históricos variáveis (NICHOLSON, 2000, p. 36)

Nesse sentido, o termo o gênero não precisa ter um sentido definido para ser articulado como marcador político ainda muito forte na sociedade, mas sendo tratado como uma complexa rede de características que potencializa a desigualdade.

A dinâmica dos Modos de Existência pode ser aproximada dessa reflexão, em que “o próprio Ser está em vias de formação, e que isso é exatamente isso o que se faz na atividade científica” (MANIGLIER, 2014). Nesse sentido, o gênero pode ser pensado como uma performatividade, como proposto por Butler, em que é construído através do discurso, mas também de materialidades.

Latour e Butler se distanciam em diversos pontos, mas é possível - e importante - realizar esse tensionamento, como a própria autora alega (PRINS; MEIJER, 2002). Ela acredita que existem razões para se trabalhar com a noção de sujeito, diferente de Latour que trabalha com a noção de ator. Na entrevista “Como os corpos se tornam matéria”, Butler aponta que:

A palavra 'ator' carrega uma ressonância teatral que seria muito difícil de ser adotada em meu trabalho, devido à tendência de ler 'performatividade' como um projeto goffmanesco de colocar uma máscara e escolher representar um papel.

Prefiro trabalhar o legado do humanismo contra ele próprio, e acho que tal projeto não entra necessariamente em choque com aqueles/as que buscam desalojar o humanismo com vocabulários que dispersam o agenciamento através do campo ecológico (PRINS; MEIJER, 2002, p. 167).

Butler, assim como Nicholson, critica estudos em que o corpo é um meio passivo ou uma situação, opondo o construcionismo social ao determinismo biológico. Butler (2016) aponta que “quando ‘o corpo’ é apresentado como passivo e anterior ao discurso, qualquer teoria do corpo culturalmente construído tem a obrigação de questioná-lo como um construto cuja generalidade é suspeita” (p. 223). A partir dessa reflexão, a autora se questiona se essa “unidade” na categorização e conceituação de gênero é realmente necessária para uma ação política efetiva ou se não seria apenas uma norma excludente.

Neste sentido, a autora sugere pensar o gênero como performático, pois ele está não apenas no discurso, mas também na materialidade do corpo, através de atos, gestos e ações. Assim, os gêneros não serão verdadeiros nem falsos, apenas efeitos da verdade. A performatividade necessita repetições em ações públicas, apesar de que, normalmente, ela não é entendida como performática em si, mas como algo naturalizado, devido a reiteração. Ela evidencia a limitação do discurso ao falar sobre gênero e critica o modelo de construção no qual o social atua como um cancelamento do natural.

Butler (2000) aponta que quando essas questões se vinculam a um construcionismo linguístico radical, o problema é ainda mais grave. Uma forma de reverter essa situação é através do “retorno da noção de matéria”, que funciona “como um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície” (BUTLER, 2000, p. 163). Nesse sentido, não se busca compreender como o gênero é construído, mas através de que normas regulatórias o sexo é materializado. Para ela, a necessidade da reiteração é a prova de que a materialização dos corpos em gênero nunca é completa.

Observar as normas regulatórias em que o sexo é materializado, como sugerido por Butler, pode se aproximar das trajetórias exploradas por Latour (2013a). Porém, tão importante quanto observar as regularidades dessa materialização, também é observar os hiatos e alterações no processo de sexualização dos corpos. Permitir a apreensão dessas discontinuidades pode colaborar numa análise com menos definições de gênero, como um fim em si, e mais como processos dinâmicos.

Em relação aos “não-humanos” de Latour, é possível aproximar, aqui, a perspectiva de gênero de Haraway ao tratar dos “ciborgues”. Haraway desenvolve uma

política pós-feminista que não categoriza pessoas entre homens e mulheres, rompendo dicotomias sociais (SIQUEIRA; MEDEIROS, 2011). Além de máquinas e organismos, o hibridismo da autora busca dar conta de uma outra forma de se falar de “gênero”.

Assim como em Latour, a dicotomia natureza/cultura também é largamente explorada pela autora, que acredita que “com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra” (HARAWAY, 2009, p. 43). Tanto Haraway quanto Latour buscam promover uma compreensão que rompa o binarismo das investigações. Além disso, os autores tem em comum certa inquietação acadêmica, visto que nenhum se contentou com suas respectivas fronteiras disciplinares (OLIVEIRA, 2012). Essa vontade de ir além das regulações de pesquisa em departamentos, também pode ser observada na tentativa de ambos em romper a grande dicotomia que separa o natural do artificial, ou o natural das culturas.

Segundo Haraway (2009), “as máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é extremamente criado” (p. 42). Ela aponta que muitas máquinas são mais perturbadoramente vivas que os próprios seres humanos.

Assim como Nicholson, Haraway fala das feministas que, ao tentar abandonar o “determinismo biológico”, acabam utilizando o “construcionismo social” de modo a incapacitar a desconstrução como os corpos sexuados. Nessa dicotomia e limitação dos corpos, torna-se é difícil encaixar as questões das mulheres negras, lésbicas, transexuais, pobres, estrangeiras, entre outras vivências diferentes da hegemônica mulher branca feminista.

Haraway (2009) reforça a importância de quebrar tais dicotomias, visto que “essas reformulações deixaram de interrogar a história sócio-política de categorias binárias tais como natureza/cultura, e também sexo/gênero, no discurso colonialista ocidental” (p. 217). Nesse sentido, se torna necessário evitar binarismos ao pensar os Modos de Existência relacionado às questões de gênero, bem como respeitar os não-humanos (ou híbridos) que atuam em nosso campo de pesquisa.

3 Investigando questões de gênero através dos Modos de Existência

Ao aproximar as questões dos Modernos e seus Modos de Existência - a partir de Latour - com as questões de gênero e corpos sexuados de Nicholson, Butler e Haraway,

é possível perceber alguns pontos de encontro que podem colaborar para o desenvolvimento de um método útil para esta investigação.

Em entrevista, Latour aponta que sua teoria não se trata de uma disputa com os antropólogos, mas de estudar o sujeito moderno com métodos etnográficos através de um trabalho de campo. Nesse sentido, o autor propõe uma investigação coletiva sobre a antropologia dos modernos, através desses métodos.

Eles não são métodos estatísticos no sentido de um levantamento. Eles nos dão finalmente a possibilidade de tirar proveito de uma alternativa à desgastada oposição entre quanti-tativo e qualitativo, assim como entre campo local e campo global. Isso é muito interessante e pode renovar as Ciências Sociais como um todo. A descrição de controvérsias é sensacional como ferramenta” (DIAS; SZTUTMAN; MARRAS, 2014, p. 512).

Ou seja, para seguir os atores a serem analisados é preciso “descrever, descrever e ainda descrever” (LATOURE, 2012a, p. 16). Nos Modos de Existência, essa descrição deve ser feita de modo a produzir não apenas padrões, mas também descontinuidades. Através dos Modos de Existência, Latour propõe realizar travessias para produzir experiências através do conflito entre dois valores. Estes valores podem ser observados no quadro abaixo.

Nome	Hiato	Trajectoria	Condições de Felicidade e Infelicidade	Seres	Alteração
[REP]rodução	Riscos de reprodução	Prolongando existentes	Continuar, herdar, desaparecer	Linhas de força, linhagens, sociedades	Explore as continuidades
[MET]amorfose	Crises, choques	Mutações, emoções, transformações	Fazer (algo) passar, instalar, proteger/alienar, destruir	Influências, divindades, psiques	Explore as diferenças
[HAB]ito	Hesitações e ajustes	Cursos ininterruptos de ação	Prestar atenção/perder a atenção	Véu sobre preposições	Obtenha essências
[TEC]nica	Obstáculos, desvios	Ziguezagues de ingenuidade e invenção	Reorganizar, configurar, ajustar/falhar, destruir, imitar	Delegações, arranjos, invenções	Dobre e redistribua as resistências
[FIC]ção	Vacilação entre material e forma	Deslocamento triplo: tempo, espaço, actante	Fazer (algo) segurar, fazer acreditar/causar falha, perder	Expedições, figurações, formas, obras de arte	Multiplique mundos
[REF]erência	Distância e disseminação de formas	Pavimentação com inscrições	Trazer de volta/perder informações	Constantes através de transformações	Alcance entidades remotas
[POL]ítica	Impossibilidade de ser representado ou obedecido	Círculo produtivo de continuidade	Começar de novo e ampliar/suspender ou reduzir o Círculo	Grupos e figuras de montagens	Circunscreva e reagrupe
[DIR]eito	Dispersão de casos e ações	Vinculação de casos e ações via meios	Reconectar/quebrar níveis de enunciação	Portadores de segurança	Garanta a continuidade das ações e atores

[REL]igião	Pausa no tempo	Criação de pessoas	Salvar, trazer para a presença/perder, levar embora	Portadores de presença	Alcance o fim dos tempos
[LIG]jação	Desejos e carências	Multiplicação de bens e males	Empreender, interessar/parar transações	Interesses apaixonados	Multiplicar bens e males
[ORG]anização	Desordens	Produção e acompanhamento de roteiros	Controlar roteiros/perder roteiros da vista	Esboços, organizações, impérios	Altere o tamanho ou a extensão dos quadros
[MOR]alidade	Ansiedade sobre meios e fins	Exploração das ligações entre fins e meios	Renovar cálculos/suspender escrúpulos	O "reino dos fins"	Calcular o ótimo impossível
[NET] Rede	Surpresa de associação	Acompanhamento de conexões heterogêneas	Atravessar domínios/perder a liberdade de investigação	Redes de irreduções	Estenda associações
[PRE]posição	Erros de categoria	Deteção de cruzamentos	Dar a cada modo seu modelo/esmagar os modos	Chaves Interpretativas	Garanta o pluralismo ontológico
[DC] Duplo Clique	Horror dos hiatos	Deslocamento sem tradução	Falar literalmente/falar através de figuras e tropos	Reinado de Razão Indiscutível	Mantenha o mesmo apesar dos outros

Quadro: Quinze modos de existência e suas perguntas canônicas (LATOUR, 2013a, tradução da autora)

Latour (2013a) apresenta essa tabela como forma de resumir sua proposta. As linhas representam os quinze modos reconhecidos até agora, enquanto as colunas mostram as quatro perguntas canônicas que devem ser direcionadas para cada modo:

Por qual hiato e que trajetória eles são distinto? [colunas 1 e 2]; Quais são as suas condições de felicidade e infelicidade? [coluna 3]; que seres devem estar preparados para instituir? [coluna 4]; finalmente, a que alteração está sendo como-outro sujeito em cada caso? [coluna 5] (LATOUR, 2013a, p. 488-489).

As cinco perguntas canônicas - hiato, trajetória, condições de felicidade e infelicidade, seres e alteração - nem sempre devem ser respondidas de modo equivalente, apesar de que “há passagens em que Latour recorre a viradas de argumentação que o fazem parecer decidido demais a encontrar respostas para cada pergunta, sempre” (FRAGOSO, 2018, p. 39).

Diversas questões podem ser pontuadas a partir de cada modo de existência e seus possíveis conflitos. O modo [REP], por exemplo, pode ser um caminho para se observar as normas regulatórias do sexo (BUTLER, 2000). Ou cruzar com [MET], teremos o mapa de semelhanças e diferenças que cruzam um corpo através do reconhecimento dos contextos historicamente variáveis, proposto por Nicholson (2000).

[POL] pode ser utilizada na identificação das lutas feministas, sejam na ciência ou fora dela. Pensando política muito mais como uma formulação dinâmica pelos próprios atores envolvidos no processo do que uma instituição estruturada e imutável. Para

aprofundar a análise, é possível fazer um cruzamento com [NET], buscando perceber como as redes formadas - momentaneamente - por esses atores colabora nas lutas políticas. Segundo Latour (2012a), “a análise das redes é indispensável para a investigação [...], mas, como todos os modos, ela tende à hegemonia e à não compreensão dos outros” (p. 20). Essas redes dinâmicas apresentam vários Modos de Existência e não funcionam sozinhas, apenas articuladas a outros modos.

4 Considerações finais

Nem essencialista, nem unicamente construtivista, a proposta dessa articulação era a de pensar questões de gênero pela perspectiva dos modos de existência. Nesse sentido, uma possível metodologia resultante dessa intersecção deve suavizar dicotomias e delimitações prévias em excesso em nome do aprofundamento e da complexidade dos fenômenos.

Pensando um mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam (NICHOLSON, 2000), considerando as materializações da performatividade de gênero (BUTLER, 2000) e revendo dicotomias através de uma perspectiva ciborgue (HARAWAY, 2009) parece ser possível delinear uma estratégia de análise que reconheça as limitações e possibilidades das pesquisas em áreas empíricas. Nesse contexto, os Modos de Existência se apresentam como articuladores dessas estratégias.

Observando especialmente a comunicação mediada por computador, essa articulação permite pensar as redes além do social, considerando todos os elementos que pertencem e atuam nesse processo. Agrupamentos podem ser pensados com um viés mais respeitoso ao "pesquisado". Os debates públicos de gênero serão vistos em uma perspectiva história que privilegia o olhar não apenas aos padrões recorrentes [REP], mas principalmente as crises e descontinuidades [MET]. Dependendo do objeto de pesquisa, as instituições [POL], [DIR] e [REL] devem ser consideradas não como organizações fechadas e consolidadas, mas como práticas de agrupamento, segurança e presença.

Por fim, reitera-se que nas redes da performatividade do gênero não há um caminho exato de onde começar. Colocando dois valores em foco e tencionando-nos de modo a gerar conflito entre diferentes mobilizadores, parece ser possível aprofundar o debate sobre a comunicação mediada por computador e respeitar os fenômenos que se escondem nas limitações teóricas dos estudos empíricos.

REFERÊNCIAS

BRYANT, L.; SRNICEK, N.; HARMAN, G. Towards a Speculative Philosophy. In. **The speculative turn: continental materialism and realism**. BRYANT, L.; SRNICEK, N.; HARMAN, G. (orgs.). Melbourne: re.press, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DIAS, J. P.; SZTUTMAN, R.; MARRAS, S. Múltiplos e animados modos de existência: entrevista com Bruno Latour. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 57, n. 1, 2014, pp. 499-519.

FRAGOSO, S. Os modos de existência do gameplay: um exercício de aplicação com Cities: Skylines. **Matrizes**. v. 12, n. 2, maio-ago, 2018, p. 33-51. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/166205>. Acesso em 2 jan. 2019.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu [online]**. 2004, n. 22, p. 201-246. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332004000100009>. Acesso em 3 jan. 2019.

LATOUR, B. **An Inquiry Into Modes of Existence: An Anthropology of the Moderns**. Cambridge: Harvard University Press, 2013a.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2013b.

LATOUR, B. **Biografia de uma investigação** – a propósito de um livro sobre modos de existência. São Paulo: Editora 34, 2012a.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012b.

MANIGLIER, P. A metaphysical turn? Bruno Latour's An Inquiry into Modes of Existence. **Radical Philosophy**, n. 187, sept-oct, 2014, p. 37-44. Disponível em: https://www.radicalphilosophyarchive.com/wp-content/files_mf/rp187_article_maniglier_ametaphysicalturn.pdf. Acesso em 2 jan. 2019.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, v. 8, n. 2, 2000, p. 9-41. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em 16 jul. 2018.

OLIVEIRA, R. R. Entre híbridos e ciborgues: as ficções anti-modernas de Bruno Latour e Donna Haraway. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. 2012, UFPI. **Anais...** Teresina, 2012. In: p. 1-10.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 10, n. 1, p. 155-167, Jan. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>. Acesso em 29 dez. 2018.

SÁ JÚNIOR, C. Philipe Descola e a Virada Ontológica na Antropologia. **Ilha**, v. 16, n. 2, ago./dez. 2014. p. 7-36. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2014v16n2p7>. Acesso em 2 jan. 2019.

SIQUEIRA, H. S. G.; MEDEIROS, Márcio Felipe Salles. Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico. **Revista Configurações**, v. 8, p. 11–32, 2011. p. 11-32. Disponível em: <https://journals.openedition.org/configuracoes/882#ftn1>. Acesso 2 jan 2019.

SZTUTMAN, R. Natureza & cultura, versão americanista: um sobrevoo. **Ponto.Urbe - Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, São Paulo, v. 3, n. 4, 2009, p 1-18. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1468>. Acesso em 4 jan. 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.